

Um herói esquecido do povo judeu¹

ABRÃO SLAVUTZKY

Psicanalista e escritor

RESUMO Neste texto, destaca-se a importância do escritor judeu Scholem Aleichem, que escrevia em iídiche, língua falada pela maioria dos judeus durante muitos séculos. O autor era um homem comum e escreveu para gente comum; seu humor transformava e enfeitava a realidade sombria desta gente, procurando aliviá-la e confortá-la através do riso. Dada sua recepção e popularidade entre os leitores judeus de língua iídiche, propõe-se aqui que ele possa ser considerado como um homem de destaque, seja um herói, um líder ou um justo (*Lammed Vaf*). Examinam-se ainda algumas características e funções do humor e especialmente do humor judaico, salientando-se sua importância na psicanálise. Como foi exemplificado no texto, o humor tem o poder não só de aliviar mas também de salvar as pessoas, como relatado por sobreviventes de campos de concentração: “o que nos salvou foram os risos e o humor”; “o riso nos ajudou a permanecer humanos”.

PALAVRAS-CHAVE Scholem Aleichem, humor, humor judaico, funções do humor.

ABSTRACT This paper states the relevance of Jewish author Scholem Aleichem, who wrote in Yiddish, a language spoken by the majority of Jews for several centuries. The author was an ordinary man and wrote for ordinary people; his humor changed and embellished the dark reality of these people, trying to relieve and comfort them through the laugh. Due to his reception and popularity among Yiddish-speaking Jews, it is proposed here that he could be considered an outstanding man: a hero, a leader or a fair man (*Lammed Vaf*). Some characteristics and functions of humor, especially Jewish humor, are also examined, stressing its importance to psychoanalysis. As exemplified in the paper, humor has the power not only to relieve but also to save people's lives, as reported by concentration camps survivors: “what saved us were the laughs and the humor”; “the laugh helped us to remain human”.

KEYWORDS Scholem Aleichem, humor, Jewish humor, functions of humor.

QUEM CHEGASSE A NOVA YORK NO DIA 15 DE MAIO DE 1916 NÃO ENTENDERIA O QUE ESTAVA ocorrendo.² Uma multidão calculada em centenas de milhares de pessoas³ ocupava as ruas da cidade. Todos queriam homenagear o escritor judeu Scholem Aleichem, pseudônimo de Solomon Rabinowitz (Scholem Rabinovich) que havia morrido. O féretro saiu de Kelley Street 968 no Bronx, às nove da manhã, e percorreu 25 km, com paradas na Sinagoga e na sede da *Keilá* (comunidade judaica) para cerimônias e rezas até chegar ao Cemitério Monte Naboth no Brooklyn.⁴ Não é difícil imaginar que entre os participantes havia grupos de crianças, religiosos, marxistas, gente chorosa, todos emocionados vendo o último passeio de Scholem. Também não é difícil imaginar que tenham sido vistos na multidão Menahem Mendel e Tevie, o leiteiro, voando enquanto suas lágrimas caíam sobre o caixão de seu criador, como se fossem personagens dos quadros de Chagall.

De todos eles, Tevie seria o personagem mais popular da literatura judaica de todos os tempos, o que sempre é lembrado e que ganhou imortalidade através do teatro e do cinema. No ano de 1964, foi representada uma peça chamada *O violinista no telhado*, baseada na novela de Scholem Aleichem, que seria consagrada na Broadway. Trinta e dois países conheceram a peça. Em 1971, estreou o filme com o mesmo nome da peça, com

os mesmos atores, alcançando sucesso mundial e sendo até hoje visto e revisto. O autor morreu, mas seus personagens seguem vivos através de uma obra que ainda não foi esquecida e pode ainda ser recuperada pelas novas gerações.

A homenagem dos judeus de Nova York há quase cem anos é um fenômeno.⁵ Um fenômeno se comparado, por exemplo, ao que ocorreu em Paris em 1980, quando morreu Jean-Paul Sartre, um dos mais destacados intelectuais do século XX. Romancista, dramaturgo, filósofo, jornalista e ativista, o diretor da famosa revista *Le Temps Modernes* teve em seu enterro, segundo a polícia, entre 25 mil a 50 mil pessoas (ROWLEY, 2006, p.402).

Scholem Aleichem se considerava um judeu comum, como se pode ler em seu epitáfio, que ele próprio escreveu:

Aqui jaz um judeu comum
Que escreveu, isto é verdade, apenas em iídiche,
E para as mulheres e para a gente comum,
Era humorista, era autor
Que zombava de tudo.
Apanhou muito na vida,
Mas seu público riu e bateu palmas,
E só Deus sabe como ele sofreu
(ALEICHEM, 1966, p.7-8).

Scholem foi um judeu comum e escreveu para gente comum, ou seja, para a quase totalidade dos judeus de sua época, que eram comuns e pobres. Escreveu em iídiche, língua judaica da diáspora, que por mil anos foi falada pela maioria dos judeus. Foi um humorista que fez rir as populações dos *shtetlekh* (plural de *shtetl*, aldeia judaica) e das grandes cidades; suas palavras aliviaram nosso povo sofrido por meio do sorriso e do riso. No seu testamento, de dez pontos, o primeiro foi:

Onde quer que eu morra, não me deixem ser se-

pultado entre os aristocratas, os bem de vida, os ricos, mas sim entre a gente comum, os trabalhadores, o verdadeiro povo judeu, para que a lápide do meu túmulo honre os túmulos simples ao meu redor, e os túmulos simples honrem o meu, da mesma forma que a gente simples e honesta honrou, durante minha vida, o seu escritor
(KELLMAN, 1991).

Scholem Aleichem transformou a realidade do seu povo em um sonho para aliviar sua tragédia. Nos seus contos, novelas e peças de teatro fez todos gozarem e sentirem alegria, a alegria de viver. Enfeitou a realidade sombria que os judeus viviam com luzes engraçadas e bem humoradas, gerando um estado de alívio e graça. Ele dizia: “Rir faz bem. Os médicos mandam rir”. Scholem não foi melhor escritor que I. L. Péretz, Bashevis Singer (Prêmio Nobel da Literatura), Franz Kafka ou Philip Roth, mas foi o mais popular de todos os escritores judeus. Ele conseguiu reunir a exaltação mística do Hassidismo, na sua busca festiva pela transcendência, e a cultura da *Haskalá*, o iluminismo judeu, marcado pelo amor à liberdade e à cultura. O Hassidismo, que nasceu com Baal Schem Tov na metade do século XVIII e foi um movimento religioso que marcou não só a modernidade judaica como até os dias de hoje, segue sendo importante. As histórias de Baal Schem, bem como de seus principais seguidores, eram relatadas em iídiche nos *shtetlekh* e foram rapidamente sendo divulgadas. Seu crescimento se deveu, entre outros fatores, aos cantos e danças alegres que marcavam suas reuniões. Tinham na alegria uma meta pela qual podiam transcender e elevar-se espiritualmente e Rabi Hakiva era considerado um de seus modelos, como se pode comprovar nesta história relatada no Talmud:

No outono de 95 chegou à Palestina a notícia de uma série de medidas antijudias que Roma havia

tomado, após anos de uma política de respeito e conciliação. Foi enviada uma embaixada a Roma formada por Rabbán Gamaliel, R. Yehoshua, R. Eleazar e R. Akiba. Quando os quatro enviados do povo judeu aproximaram-se de Roma, ouviram ruídos festivos. Todos começaram a chorar, menos Akiba, que começou a rir. “Porque ris”? Perguntaram os companheiros, e ele respondeu: “E vocês, por que choram?”. “Estes pagãos romanos que se inclinam ante imagens e ídolos, vivem tranquilos e em paz; quando o Templo foi posto em chamas, não haveremos de chorar? “Por isso precisamente estou rindo, disse Akiba, pois se os que infringem Sua vontade estão assim felizes, os que observam Sua vontade, quanto mais felizes serão! (MAAKOT 24,b).

O Iluminismo, que, junto com o Hassidismo, influenciou Scholem Aleichem, também nasceu no século XVIII e teve em Moisés Mendelssohn seu primeiro e grande líder. Ele buscou modernizar os conhecimentos dos judeus pelo ensino das artes e das ciências modernas, resgatando o povo que vivia ainda marcado pelas ideias medievais. Em síntese, este movimento tinha como objetivo ilustrar em todos os sentidos o povo judeu e para isso era necessário que os judeus estudassem não só a Tora e o Talmud, o que foi uma revolução no cotidiano dos *shtetlekh*. De seu pai, Scholem Aleichem recebeu tanto a influência da *Haskalá* como a do Hassidismo, e ele foi influenciado ainda por escritores como Mendel Moshe Sforim – o avô, para ele, da moderna literatura iídiche – e pelos russos Gogol e Tchekov, entre outros.

Escrever sobre Scholem hoje não é só prestar uma homenagem ao pai de Tevie e Golda. A homenagem maior que se pode fazer a ele é lê-lo e aprender sua maior lição: o humor é um remédio indispensável à existência, pois, apesar das dores e das tragédias, devemos seguir desfrutando a vida. Ele escreveu com humor, que é mais que um estado de es-

pírito, é uma forma de ver o mundo. Apreender essa visão do mundo é um desafio para todos, e Scholem Aleichem foi e é um dos grandes mestres deste filão do humor.

Em 2007, em uma palestra sobre Humor e Espiritualidade,⁶ fiz um teste para saber se Scholem podia ser entendido por quem não conhecia a realidade do *shtetl*, lendo para um público exclusivamente cristão um trecho narrado no início da novela *Tevie, o leiteiro*. Trata-se da reza do *Mincha*, oração vespertina, que Tevie fez ao lado de seu cavalo, com quem conversava.

Benditos sejam os que residem na tua casa. (Bem! Mas eu imagino, Senhor, que a tua casa seja mais espaçosa do que a minha choça) Eu te louvo, meu Deus e Rei (Que me adiantaria fazer o contrário?...). Todos os dias te abençoo (mesmo de estômago vazio...) O Senhor é bom para todos (admitindo que esqueça alguém de vez em quando, não tem muito em que pensar?...). O Senhor ergue os que caem, levanta os que se abaixam (Pai do céu, Pai amoroso, esta é a minha vez; posso acaso afundar mais?... Abres a mão e satisfazes as criaturas (então é assim Pai do céu: um apanha um soco na cara; outro, um frango assado, desde os dias da criação...). Ele satisfará os desejos dos que o temem; lhes ouvirá os brados e os salvará (Mas quando Senhor? Quando?...).⁷

O público riu durante a leitura pelo recurso que faz Scholem ser ao mesmo tempo respeitoso com o sagrado, com o Todo Poderoso, e irreverente nas frases jocosas que intercala na reza. Scholem uniu o sagrado e o profano, num discurso ora respeitoso ora irreverente.

O humor, sendo por definição crítico, não pode defender uma religião ou uma ideologia, daí ser antiautoritário, tendo sido por isso muitas vezes atacado por fundamentalistas e pelas ditaduras.

Tevie, o leiteiro não é só uma novela bem humorada, é bem mais do que isso, pois revela o mundo judaico em transição. O *shtetl* foi sendo, aos poucos, invadido pelas novas ideias do Iluminismo, do Marxismo, e pelo mundo não judeu em geral. As mudanças ocorridas a partir da Revolução Francesa no mundo, com a queda da aristocracia e início da democracia que trouxe ventos libertários, chegou também ao *shtetl*. E as filhas do leiteiro Tevie revelam, uma a uma, essas mudanças na segunda parte da novela. Elas, ao ficarem adultas, vão se separando não só dos pais, mas da casa e das tradições judaicas. A primeira foi Tzaitl, que escolhe o esposo, não seguindo a tradição na qual os pais escolhiam o noivo. A segunda foi Hodl, que se apaixona por um socialista revolucionário e não pede permissão para casar. A terceira é Khava, que se apaixona por um não judeu. A quarta filha se desilude no amor e se suicida, e a quinta, Beilke, se casa com um judeu inculto, mas rico. O mundo patriarcal do *shtetl*, seguidor estrito da lei judaica, começava a desabar com o rompimento da tradição. A ruptura com o passado tem nas mulheres uma liderança que iria crescer ao longo do século XX. Se não ocorreu a famosa revolução proletária prevista por Karl Marx, o mundo viu, perplexo, a revolução feminina, que segue crescendo nos tempos atuais.

Uma pergunta final: por que um escritor que teve no humor sua principal referência teve tanto sucesso se escreveu para mulheres e homens em geral pobres e sofrendores? Em situações-limite, o humor é tão essencial como a reza para os religiosos; aliás, uma forma de definir o humor é que ele é uma forma lúdica de oração. As palavras abaixo são de sobreviventes dos campos de concentração, mais eloquentes que qualquer explicação:

Olha, sem humor teríamos todos cometido suicídio, fizemos de tudo para nos divertir. O que es-

tou dizendo é que o humor nos ajudou a permanecer humanos.

Não se pense que é possível para as pessoas em tais situações não ter qualquer humor e sátira. Isso é impossível, é uma espécie de defesa.

Quando fui entrevistada por Spielberg e eles perguntaram-me o que eu pensava de ter sobrevivido, eles provavelmente esperaram que eu respondesse que fora a boa fortuna ou outras coisas. Disse que foram os risos e o humor, não tomar as coisas em toda sua seriedade. Porque tudo era absurdo, todo esse período era inconcebível, como poderiam fazer essas coisas para as pessoas (OSTROWER, 1999, abstract).

As palavras destas mulheres, entrevistadas por Chaia Ostrower para sua tese de doutorado *Humor as a defense mechanism in the Holocaust*, impressionam e esclarecem porque o humor não só alivia como pode também salvar pessoas. Suas palavras ilustram o sentido do humor, segundo Sigmund Freud, como um dom precioso e raro. O bom humor das entrevistadas e de milhares de judeus ajudou-os a manterem sua condição humana e sua inteligência e lucidez intactas, capazes de gozarem de si, e dos demais, mesmo estando no maior inferno já criado em toda a história da humanidade. Nos campos de concentração, o humor foi utilizado como sublimação, uma defesa que transformava a morte em motivo de piada para manter a saúde mental e psicológica e não como negação do que ocorria.

Os sentidos do humor na psicanálise revelam outra perspectiva. Na perspectiva da psicanálise, o humor é uma transformação narcisista na adequada proposição de Heinz Kohut em *Formas y transformaciones del narcisismo* (KOHUT, 1969). O autor parte de uma ideia simples: o narcisismo não deve ser substituído por um amor ao objeto, mas ser transformado, através de uma redistribuição da libido e sua integração no que ele define como personalidade

madura. Ele destaca a origem, as funções e as formas principais do narcisismo, assim como sua integração à personalidade. Na segunda parte do trabalho, Kohut define as transformações narcisistas que podem ajudar na avaliação dos resultados da terapia psicanalítica: a criatividade, a empatia, a finitude, a sabedoria e o sentido do humor.

As formas mais profundas do sentido do humor e o narcisismo cósmico não oferecem um quadro de grandiosidade e euforia, mas antes o de um sereno triunfo interior, com certa mescla de melancolia não negada. O sentido do humor pode ser definido como a capacidade de aceitar as imperfeições da vida. O humor brinca com a seriedade da sociedade, bem como da morte.

O desenvolvimento do sentido de humor é uma das formas de avaliar a evolução do psicanalista e do paciente. O dom do humor é precioso e raro, logo, quem pode melhorar seu sentido de humor em relação aos outros e principalmente em relação a si próprio conseguiu uma mudança substancial. A transformação narcisista implica diminuir a visão paranoide do mundo, aumentando assim sua sabedoria de viver, que passa pela capacidade de sorrir dos infortúnios comuns.

A diminuição das queixas de um paciente é uma das medidas para avaliar sua evolução. O escritor Isaac Babel escreveu: “a cada estúpido basta sua própria estupidez para desalentá-lo; só o sábio descortina com seu riso o véu da existência...” (BABEL, 2006, p.66). Aí está uma das boas definições do que é ter sentido do humor: diminuir as queixas em vez de passar a vida lamentando-se de tudo e de todos, de modo mal humorado.

O sentido do humor poderia ser relacionado à capacidade de jogar da criança. A palavra jogar em latim é *ludere*, e a palavra ilusão é a soma de in (dentro), com *ludere*, o humor é uma forma de ilusão, assim como o jogo. No famoso exemplo que Freud

cita no livro das piadas e do humor, o condenado à morte que olha para o céu e diz que a semana está começando, bem ilustra a ilusão de que seguirá vivo toda a semana e não irá morrer logo em seguida. Este humor negro é o que permite a ele sorrir e fazer sorrir nos seus últimos minutos de vida. Pode parecer pouco, ou sem importância, mas é o melhor tempero para viver bem. O masoquista erotiza o sofrimento, a dor, e não pode gozar a vida de outra maneira; ao contrário, é gozado por ela. Para ter senso de humor é preciso desativar, em parte ao menos, a força da pulsão de morte.

Muitos dos livros de Scholem Aleichem foram encontrados com os judeus que morreram nos campos de extermínio. Aliás, com a morte de seis milhões de judeus, o iídiche e Scholem viram seu apogeu declinar. Mas também ocorreu o fim do *shtetl*, onde viveram seus personagens; a ascensão do hebraico como língua nacional e a assimilação dos judeus no novo mundo revelam o fim do mundo dos *shtetlekh*. A obra de Scholem Aleichem deve ser redescoberta, pois, na verdade, ele foi mais que um escritor, foi um *Lamed Vaf*, um justo, consagrado ao morrer. No dia do seu funeral, o povo judeu sabia que perdia um líder, que veio à Terra para fortalecer seu povo, para renovar a esperança de todos. Jacó Guinsburg estabelece um paralelo entre Scholem e Cervantes, Mark Twain e Gogol, pois sua obra se identificou com a coletividade pelo humor. Os grandes humoristas judeus do século XX foram influenciados por Scholem Aleichem, aprenderam um pouco com ele da sua capacidade de rir entre lágrimas, como Danny Kay, Jerry Lewis e Woody Allen. Não é difícil prever que, em 2016, no centenário de sua morte, muito ainda será lembrado e escrito sobre o pai de Tevie, o leiteiro, seu ilustre filho. É preciso recuperar sua vida e obra, quase não traduzida para o português. *Lechaim* a Scholem Aleichem.

NOTAS

1 Este trabalho não poderia ter sido escrito sem a leitura do livro *A paz seja convosco* (ALEICHEM, 1966), de quase 500 páginas, que oferece o maior panorama da obra de Scholem Aleichem. Contém contos, trechos de suas principais novelas e peças de teatro. E ainda inclui alguns dos mais importantes estudos sobre a vida e obra do escritor através de intelectuais como Otto Maria Carpeaux, Baal Machshoves, Henri Slovès, Alberto Gerchunoff e Jacó Guinsburg. Outros trabalhos importantes para minha formação em estudos judaicos foram: 1. *O judeu nos tempos modernos* (SACHAR, 1967), que constitui um dos mais completos estudos da *Haskalá*, da Emancipação, do socialismo judeu, do sionismo e da cultura judaica dos séculos XVIII, XIX e XX; 2. *The pity of it all: a portrait of the German-Jewish epoch - 1743-1933* (ELON, 2002), uma das mais completas análises dos principais artistas e ensaístas judeus como Mendelsohn (1729-1786), Marx (1818-1883), Freud (1856-1939), Kafka (1883-1924) e Benjamin (1892-1940); 3. *Filosofia do judaísmo* (GUTTMAN, 2003), um estudo histórico inigualável que vai da Bíblia ao século XX através de estudos críticos dos principais filósofos judeus; e 4. a Coleção Judaica editada pela Editora Perspectiva, em especial os tomos *Do estudo e da oração* (GUINSBURG, 1968) e *O judeu e a modernidade* (GUINSBURG, 1970), organizados por Jacó Guinsburg.

2 A notícia sobre o enterro foi publicada no *The New York Times* do dia seguinte, 16/05/1916. Seu falecimento havia ocorrido em 13/05/1916.

3 Há controvérsias quanto ao número aproximado de pessoas que estiveram presentes no funeral de Scholem Aleichem. Jacó Guinsburg, em seu livro *Aventuras de uma língua errante* (1996, p.107), define que foram centenas de milhares e, num relato pessoal, informou que havia seiscentos mil exemplares de jornais em língua iídiche circulando diariamente na cidade de New York. Cada exemplar era lido por mais de um leitor, e havia ainda as crianças, logo, a estimativa de centenas de milhares, podendo chegar a até um milhão de pessoas, é razoável. O *New York Times* do dia seguinte ao funeral calcula em cem mil. Em *Aventuras de uma língua errante* é possível ver fotos das multidões nas avenidas (GUINSBURG, 1996,

p.112) e o traçado do fêretro da casa do escritor no Bronx até o cemitério judeu do Brooklin (GUINSBURG, 1996, p.110-111).

4 Notícia publicada no *New York Times* no dia seguinte a seu funeral. Ver também: KELLMAN, Ellen. "Sholem Aleichem's funeral (New York, 1916): the making of a national pageant," *YIVO Annual*, vol. 20 (1991), p. 289-290 apud LEDERHENDLER, Eli. *New York City, the Jews, and "The Urban Experience" in Studies in Contemporary Jewry*, XV. New York: Oxford University Press, 1999.

5 O fenômeno é relativo, porém, considerando a afirmação de Arthur Aryeh Goren (1994), de que, do início do século XX até o final dos anos 1930, ocorreram em New York diversos funerais de judeus de destaque, que atraíram multidões de pessoas, somando dezenas de milhares e algumas vezes até centenas de milhares. Goren destaca os funerais do "Rabino Chefe" Jacob Joseph (1902), do editor do jornal ortodoxo iídiche *Tageblatt*, Kasriel Sarasohn (1905), do escritor de teatro iídiche Jacob Gordin (1909), do amado Scholem Aleichem (1916) e dos líderes socialistas judeus Meyer London (1926), Morris Hillquist (1933) e Baruch Vladeck (1938). No caso de Scholem Aleichem, porém, a multidão que acompanhou o funeral foi considerada uma das maiores, assim como foi de tamanho considerável a plateia que compareceu a uma homenagem em sua memória, no Carnegie Hall, em Nova Iorque, que totalizou, de acordo com o *The New York Times* de 18 de junho de 1916, 2500 pessoas.

6 Encontro nacional de psicólogos e psiquiatras cristãos, o CPPC, em abril de 2007, em Canela-Rio Grande do Sul.

7 Citado por Browne, 1963, p.595.

REFERÊNCIAS

- ALEICHEM, Scholem (seleção, tradução e organização de Jacob Guinsburg). *A paz seja convosco*. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- BABEL, Isaac. *O exército de cavalaria*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BROWNE, Lewis (org.). *A sabedoria de Israel*. Rio de Janeiro: Biblos, 1963, v.5.

ELON, Amos. *The pity of It all: a portrait of the German-Jewish epoch, 1743-1933*. New York: Picador, 2002.

GOREN, Arthur Aryeh. "Sacred and secular: the place of public funerals in the immigrant life of American Jews". *Jewish History*, Vol. 8, Nos. 1-2, 1994, p. 269-305.

GUINSBURG, Jacó (org.). *Do estudo e da oração: súmula do pensamento judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

_____. (org.). *O judeu e a modernidade: súmula do pensamento judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro idiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GUTTMAN, Julius. *A filosofia do judaísmo: a história da filosofia judaica desde os tempos bíblicos até Franz Rosenzweig*. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KELLMAN, Ellen. "Sholem Aleichem's funeral (New York, 1916): the making of a national pageant". *YIVO Annual*, vol. 20, 1991, p.289-290.

KOHUT, H. Formas y transformaciones del narcisismo. *Revista de Psicoanálisis*, da Asociación Psicoanalítica Argentina, abril-Junio de 1969 (Originalmente publicado em *Journal of the American Psychoanalytical Association*, V. 26 N° 2, 1968, p. 371-401).

LEDERHENDLER, Eli. New York City, the Jews, and "the urban experience" in *Studies in Contemporary Jewry*, XV. New York: Oxford University Press, 1999.

OSTROWER, Chaya. *Humor as a defense mechanism in the Holocaust*. Tese de doutorado. Tel Aviv: Tel Aviv University, 1999. Abstract in: <http://web.macam98.ac.il/~ochayo/absract.html>. Consulta em 30/10/2009.

ROWLEY, Hazel. *Tête-à-Tête: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006.

SACHAR, Howard M. *The course of modern Jewish history*. New York: Delta Book, 1977; New York: Vintage Books, 1990; Em português: *O judeu nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Cultura Judaica, Editora Tradição S/A, 1967.

THE NEW YORK TIMES. *2,500 Jews mourn Scholem Aleichem*. New York: The New York Times, June 18, 1916.